

Dívida latina cai no mercado secundário

Nova Iorque — O preço da dívida latino-americana sofreu nova queda no mercado secundário de títulos, durante a primeira quinzena de março, segundo informou a empresa especializada Shearson Lehman Hutton, mencionado o caso dos débitos da Venezuela, os mais desvalorizados, num evidente reflexo da onda de violência que se abateu sobre o País, durante protesto contra um programa de austeridade acertado com o Fundo Monetário Internacional.

A melhor cotação ficou com os débitos do Chile. O Peru, entretanto, continua tendo, do ponto de vista dos banqueiros, os créditos mais desvalorizados. O mercado secundário, embora negocie volume relativamente pequeno se comparado ao montante do endividamento do terceiro mundo, serve também como um reflexo do grau da confiança que as nações in-

dustrializadas têm nas economias devedoras e da expectativa de pagamento dos compromissos.

O quadro da Shearson Lehman Hutton, que inclui ainda as Filipinas, Polônia e Iugoslávia, mostra que a dívida externa está valendo 31,2 por cento de seu valor nominal. A dívida peruana hoje só vale 5 por cento de seu valor de face. No mercado secundário, os bancos podem vender uma parte da dívida dos países em desenvolvimento e sua cotação passou a significar uma espécie de barômetro do preço real dos títulos.

A iniciativa do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, baseia-se justamente no desconto de uma parte da dívida, de modo que o índice do mercado secundário pode eventualmente se consolidar como um guia.

A dívida externa venezuelana caiu de 35 a 36 centavos por dólar, em feve-

reiro, para 28 a 30 este mês. Em janeiro, estava entre 38 e 39 por cento do valor nominal.

BRASIL

A dívida do Brasil também caiu entre fevereiro e março, passando de 31 a 33 centavos por cada dólar para 27 a 28. Os débitos argentinos, no período, baixaram de 18 a 19 para 17 a 18. O País tem compromissos atrasados há quase um ano. O Chile, que teve relativo êxito com a política de conversão da dívida, também apresentou perda de valor no mercado secundário. De fevereiro a março, os títulos caíram de 59 e 51 para algo entre 58 e 60.

Outros países, segundo a empresa especializada: Colômbia: de 58 e 60 para 53 a 56; Equador: de 11 a 13 para 12 a 13; México: de 36 a 37 para 35 a 36. O Peru continuou com os títulos mais desprestigiados, entre 5 e 8

por cento de seu valor nominal.

Jay Newman, diretor do grupo de transações da dívida com a empresa Shearson Lehman Hutton, observou, entretanto, que nos últimos 30 dias a atividade tem sido muito limitada. São poucos os programas de conversão e a demanda pequena, enquanto os preços seguem baixando, não animam os bancos a venderem seus créditos duvidosos.

Newman disse que é normal, sob estas condições com escassez de liquidez, a oscilação dos preços. Destacou ainda que o fator que mais mexeu com o mercado foi a negociação da Venezuela.

O anúncio inicial do presidente venezuelano Carlos Andrés Perez de que suspenderia o pagamento do principal e dos juros por seis meses fez o preço da dívida do país cair de 31 a 25 centavos.